

## 2 Aspectos Teórico-Metodológicos

### 2.1

#### Introdução

Para se analisarem as expressões formulaicas, é necessário se compreender que tais expressões fazem parte da linguagem formulaica, ou seja, todo o tipo de linguagem que pertence a um padrão pré-determinado.

Vários autores como Wray (2002), Nattiger & DeCarrico (1992), Tagnin (1989), entre outros, trabalham com o conceito de fórmula, um conceito mais abrangente entendido como uma palavra ou um grupo de palavras, provérbios, expressões idiomáticas, orações, etc. Estas fórmulas têm o papel de auxiliar o falante na comunicação diária, evitando que seja produzida uma seqüência original a cada vez que o falante deseja produzir um enunciado.

Além destes autores, outros já fizeram considerações sobre o assunto.

Wray (2002:7) explica que Saussure já se referia à sintetização de elementos de um sintagma em uma nova unidade, pois, afirma, quando um conceito composto é expresso por uma sucessão de unidades de significado comum, a mente desiste da análise e toma um atalho, apreendendo um todo dos sinais, que se torna uma unidade única.

Além de Saussure, Wray (Ibid., p.7) afirma que Jaspersen também reconhece que a língua seria de difícil operação se os falantes carregassem o fardo de lembrar cada item separadamente. Assim, para o autor, a fórmula “pode ser uma sentença completa ou um grupo de palavras, ou pode ser uma só palavra, ou pode ser somente parte de uma palavra, - (...), mas precisa sempre ser algo que para o instinto da fala seja uma unidade que não pode ser mais analisada ou decomposta da mesma forma que uma combinação livre pode”.

De acordo com Wray (Ibid., p.11), nas últimas décadas, a perspectiva padrão de como os sistemas lingüísticos precisam ser delineados segue a tendência da preocupação com o novo. A novidade na lingüística, ou o seu potencial para esta novidade, tem sido uma das questões centrais da pesquisa nas últimas décadas.

“uma propriedade essencial da linguagem é que esta provê os meios para expressar indefinidamente muitos pensamentos e para reagir apropriadamente em âmbito definido de novas situações.” (Chomsky, 1965, p.6)

Por outro lado, Pawler e Syder (1983:193) afirmam que os falantes nativos não exercitam o potencial criativo das regras sintáticas ao máximo, pois se o fizessem, eles não estariam exibindo um controle nativo da língua. O fato é que apenas uma pequena porção do grupo de sentenças é original em seu uso, no sentido de serem prontamente aceitas pelos informantes nativos como formas de expressão ordinárias e naturais, ao contrário das expressões que são gramaticais, mas são tidas como não-idiomáticas, estranhas ou estrangeirismos.

Wray (Ibid, p. 15) aponta para o fato de que a fórmula prevalece no sistema da linguagem adulta, por conta do processamento do princípio da economia. Essa economia acontece porque temos acesso a estruturas pré-fabricadas, as quais usamos para expressar nossas idéias, sem que precisemos recorrer a um trabalho de criar um novo enunciado toda vez que queremos expressar algo. Wray afirma ainda que as palavras se combinam e obedecem às restrições atribuíveis ao contexto, à pragmática, e a regras sociais definidas, ficando claro que, uma vez que se mapeiem os padrões de distribuição para as palavras, fica perceptível que as combinações não são explicáveis apenas através de ajuntamentos graduais, i.e., através da análise da seqüência linear da sentença. Ainda, segundo o autor, as palavras que funcionam em uma seqüência formulaica produzem um significado que vai além do somatório de significados individuais, pois os falantes não as decodificam isoladamente, mas obtêm um significado advindo do todo que estas representam.

Ellis (1997:12) afirma que os aprendizes de L2 adquirem um grande número de fórmulas para realizar funções comunicativas que lhes são importantes e que contribuem para sua fluência. Além disso, as fórmulas têm um papel importante não só na performance comunicativa, mas também na facilitação do aprendizado de alguns fatores gramaticais. Ellis conclui, portanto, que o aprendizado de L2 envolve diferentes tipos de conhecimento. Por um lado, o aprendiz de L2 internaliza fórmulas; por outro ele aprende regras (o contexto determina a função da expressão utilizada). O autor continua afirmando que no momento em que o aprendiz estuda uma outra língua, não é suficiente que o mesmo aprenda apenas os itens lexicais que a compõem, mas também o sistema lingüístico estruturador da língua, i. e., a sistematização da gramática e do uso da língua como um todo. Quando o aluno aprende o sintagma “*Qual é a boa?*”, ele aprende um seqüência lingüística que tem uma função interpretada pelo todo. Quando ele entende que o verbo *ter* é seguido por uma gama de substantivos como *horas*, *tempo*, etc., que expressa funções como pergunta, pedido, etc. ele pode perceber também que a língua não é uma mera

combinação de palavras, mas que, por exemplo, seqüências semelhantes em diferentes contextos produzem diferentes significados.

Finalmente, Nattinger & DeCarrico (1988:75) dizem que o uso de fórmulas (discurso pré-fabricado) traz a vantagem de um acesso mais eficaz, que permite ao falante direcionar sua atenção para uma estrutura mais ampla do discurso, no lugar de centrar seu foco em cada palavra à proporção que é utilizada.

Veremos, então a seguir, como podemos classificar as expressões formulaicas a seguir.

## 2.2

### Aspectos Teóricos

Este estudo utiliza-se dos conceitos desenvolvidos por duas linhas teóricas: o Funcionalismo e a Pragmática.

Do referencial teórico do Funcionalismo, utilizamos o conceito de que toda gramática de uma língua inclui não apenas itens lexicais tomados isoladamente, mas também as condições – sintáticas, textuais, discursivas e interacionais – que regem o seu uso, ou seja, uma gramática inclui as situações comunicativas (Neves, 1997:3). Assim, a questão das funções da língua se mostra importante em nosso trabalho, pois as expressões formulaicas atendem a determinadas situações de comunicação com uma função específica. Daí, surge a necessidade de definir-se o que são expressões formulaicas. A partir da Pragmática, consideramos o conceito de fórmula, assim como entendido por Coulmas (1981), que a atrela a contextos situacionais, e por Tagnin (1989: 57), que destaca a grande importância das fórmulas no convívio social.

#### 2.2.1

#### Conceitos do Funcionalismo

Ao pensarmos as teorias da linguagem que se estabeleceram principalmente na segunda metade do século XX, enfocamos o Funcionalismo, com todas as suas vertentes, interpretando a língua como uma rede de relações, com estruturas advindas da compreensão dessas relações, alguns tomam a semântica como fundamento e organizam-se com base no texto ou no discurso.

Várias correntes funcionalistas se tangenciam com critérios emprestados uma das outras, embora tenham assumido identidades diferentes. Por conta desta variedade, nosso trabalho não vai se prender a uma corrente funcionalista em particular, mas estaremos utilizando os conceitos que nos possam ser úteis.

Usaremos arcabouço proveniente das propostas de Halliday (1985), Dik (1989), Lock (1996) e Neves (1997).

Com o Funcionalismo, ressurgiu uma maior preocupação com a língua em situações reais de uso. Esta proposta veio a influenciar também o processo de ensino-aprendizagem de segunda língua, como se verá mais adiante.

Neves (1997: 41) afirma que os funcionalistas se preocupam com as relações (ou funções) entre a língua e as modalidades de interação social, frisando a importância do contexto, em particular o social, no entendimento da natureza das línguas. Esse dado nos leva a crer que não é apenas a questão de aprender a gramática ou o vocabulário de uma língua que fará o aluno dominar o idioma. Diferentes situações comunicativas vão demandar do falante que este faça escolhas para o uso da estrutura, do léxico e da maneira como ambos serão tratados. A situação de comunicação determina as escolhas que podem e devem ser feitas.

Além disso, como Anthony (1996) nos chama a atenção, algumas perguntas retóricas não exigem uma resposta direta ao que foi perguntado. Embora o aprendiz de língua tenha conhecimento dos itens lexicais usados em uma sentença do tipo *Olha só!*, se ele não domina o real motivo por trás dessa sentença numa situação de comunicação, ele poderá não atingir o objetivo da interação, respondendo, por exemplo, *Onde?*, o que provavelmente frustraria também o falante nativo. Segundo Neves (1997:20),

“em qualquer estágio da interação verbal o falante e o destinatário têm informação pragmática. Quando o falante diz algo a seu destinatário, sua intenção é provocar alguma modificação na informação pragmática dele. Para isso o falante tem de formar alguma espécie de intenção comunicativa, uma espécie de plano mental concernente à modificação particular que ele quer provocar na informação pragmática do destinatário.(...) O falante, então, tenta antecipar a interpretação que o destinatário, num determinado estado da sua informação pragmática, possivelmente atribuirá à sua expressão lingüística.”

Precisamos ainda considerar que o destinatário precisa estar em sintonia com o falante, para que este possa perceber o que foi falado dentro de uma situação de comunicação, ao invés de decodificar os itens lingüísticos isoladamente. Porém, vemos que, uma vez que o falante estrangeiro traz suas inferências pragmáticas oriundas de sua língua materna, muitas vezes não condizendo com a nova língua em aprendizagem, o entendimento do não-nativo quebra todo o planejamento do falante nativo que, ao elaborar uma sentença em português, espera que o interactante vá percebê-la como foi planejado pelo

primeiro e não como uma junção literal de itens lingüísticos, como nos mostra o exemplo da expressão *Olha só!*. Dik (Ibid., p.21) corrobora nossa idéia ao estabelecer que

“(...) a interação verbal – que é a interação social estabelecida por meio da linguagem – constitui uma forma de atividade cooperativa estruturada: ‘estruturada’, porque é governada por regras, normas e convenções, e ‘cooperativa’, porque necessita de, pelo menos, dois participantes para atingir seus objetivos.”

Para entendermos como Dik trabalha tal concepção, passamos a alguns conceitos do paradigma funcional que são colocados por este autor em suas obras de 1978 e 1989, quando ele compara o paradigma funcional ao formal. Para tanto, fazemos, a seguir, um quadro sinótico, adaptado daquele proposto por Neves (Ibid., p.46):

Conceito de língua	A língua é vista como um instrumento de interação social e existe em virtude de seu uso para que esta interação seja estabelecida.
Principal função da língua	A função é o estabelecimento de comunicação, interação verbal, não se restringindo somente à transmissão e recepção de informação factual.
Correlato psicológico	A capacidade lingüística do falante vai além da habilidade de construir e interpretar expressões lingüísticas. Diz respeito também à habilidade de usar as expressões de modo apropriado e eficaz, de acordo com as convenções da interação verbal da comunidade lingüística.
O sistema e seu uso	O sistema deve ser usado dentro do quadro de regras, princípios e estratégias que governam seu uso comunicativo natural. Assim, as expressões lingüísticas precisam ser contextualizadas (informação contextual e situacional) para serem entendidas.
Língua e contexto/situação	As expressões devem ser descritas de forma a fornecer elementos para o entendimento de seu funcionamento em um dado contexto.
Aquisição da linguagem	Há a necessidade de um <i>input</i> extenso e estruturado de dados em contexto natural.
Universais lingüísticos	Explicados em função das restrições de ordem comunicativa, biológica ou psicológica; contextual.
Relação entre a sintaxe, a semântica e a pragmática	A pragmática encampa o estudo da semântica e da sintaxe.

Vemos que na maioria dos itens o contexto é fundamental para a elaboração do conteúdo das propostas do paradigma funcional. Este detalhe muito nos interessa, pois entendemos que as expressões formulaicas estão

diretamente ligadas à função que exercem em um determinado contexto situacional.

Partindo desta explicação, voltemo-nos para o conceito de *funcional* apresentado por Martinet (1994:11):

“(o termo funcional está em) referência ao papel que a língua desempenha para os homens, na comunicação de sua experiência uns aos outros”.

Além desse, segundo Neves (1997:15), a teoria que organiza a gramática funcional procura se integrar em uma teoria da interação social, considerando a capacidade que os indivíduos têm de codificar e decodificar expressões, interpretando-as de uma maneira “interacionalmente satisfatória”, ou seja, não basta apenas entender o código, faz-se necessário perceber qual o papel que o código assume em um determinado contexto situacional.

O que nos faz também considerar a proposta de função apresentada por Halliday (1994:8):

“(...) a noção de ‘função’ não se refere aos papéis que desempenham as classes de palavras ou sintagmas dentro da estrutura das unidades maiores, mas ao papel que a linguagem desempenha na vida dos indivíduos (...).

Partindo desta citação, voltamos nossa atenção para as três funções propostas pelo autor: a função ideacional, a função interpessoal e a função textual.

A primeira diz respeito à expressão do conteúdo, função primordial da linguagem para o autor. É por meio desta função que os interlocutores organizam e incorporam na língua sua experiência do real.

A segunda serve para expressar o papel comunicativo que a linguagem assume. Esta serve para a manutenção dos papéis sociais que são inerentes à linguagem, organizando e expressando o mundo interno e externo do indivíduo.

A terceira trata da criação do texto. É através desta que “*a linguagem contextualiza as unidades lingüísticas, fazendo-as cooperar no co-texto e na situação*” (Neves, 1997:13). A interação é possível, pois o locutor pode produzir um texto capaz de ser decodificado pelo interlocutor.

Entendemos que o autor, ao expressar esta tipologia, mostra que a língua está diretamente ligada a um papel social. Sociedade e linguagem se misturam e se influenciam todo o tempo. E, principalmente, a partir da segunda e terceira propostas, vemos que a interação e a contextualização das unidades lingüísticas são fundamentais para que haja uma interação satisfatória.

Neves (Ibid., p.58) explica que em sua obra de 1985, *An Introduction to Functional Grammar*, reeditada em 1994, Halliday esclarece que deixa de lado o aspecto sistêmico da gramática e lida com o funcional. A partir de então, como a gramática funcional, para o autor, é essencialmente uma gramática “natural”, tudo nela pode ser explicado com referência a como a língua é usada. Assim, seus objetivos, neste trabalho, são os usos da língua, como formadores do sistema.

Ainda segundo Neves, o autor explica, então, que todas as línguas são organizadas em torno de dois significados principais, a saber, o “ideacional”, ou reflexivo, e o “interpessoal”, ou ativo. Estes elementos, conhecidos como metafunções na sua teoria, são as manifestações dos dois propósitos mais gerais que fundamentam os usos da linguagem: o entendimento do ambiente – ideacional –, e o influir sobre os outros – interpessoal –, sendo a terceira metafunção – textual – responsável por lhes conferir relevância.

Entendemos que cada elemento é explicado por referência à sua função no todo do sistema lingüístico. Isso nos leva a entender seu conceito de gramática funcional como sendo aquela que constrói todas as unidades de uma língua como configurações orgânicas de funções, ou seja, cada parte é interpretada como funcional com relação ao todo.

Segundo Neves (1997:73),

“A questão fundamental, na gramática funcional de Halliday, é o modo como os significados são expressos, o que coloca as formas de uma língua como meios para um fim, não como um fim em si mesmas. Quando diz que a língua é um sistema semântico, Halliday não se refere, apenas, ao significado das palavras, mas a todo o sistema de significados da língua.”

A partir, principalmente, da proposta de Halliday, Lock publica em 1996 sua obra intitulada *Functional English Grammar: An Introduction for Second Language Teachers*, aplicando a teoria funcional ao ensino de L2.

Segundo Lock (1996:2), aprender uma segunda língua é uma tarefa árdua, que envolve esforço e dedicação por parte do estudante, uma vez que este quer ter como recompensa a habilidade de se comunicar eficazmente com falantes/escritores da língua estudada.

Ainda segundo Lock (Ibid., p.3), para que a descrição gramatical seja realmente útil ao aluno/professor de língua, esta descrição precisa fazer mais do que estabelecer regras e estruturas. Precisa, além disso, mostrar para que servem e como são usadas.

“(...) o objetivo primário da análise da gramática funcional é entender como a gramática de uma língua serve como fonte/meio (source) para produção e troca de significados.”<sup>1</sup>(Lock, 1996:3)

O significado na gramática de Lock é trabalhado em três instâncias que podem ser identificadas como significado experiencial, significado interpessoal e significado textual.

O primeiro está relacionado com as formas através das quais a língua representa nossa experiência de mundo, tanto quanto nossos pensamentos e sentimento. Refere-se a como nós falamos sobre ações, acontecimentos, sentimentos, crenças, situações, estados, entre outros, às pessoas e coisas envolvidas neles e à relevância das circunstâncias de tempo, maneira, lugar etc.

O segundo diz respeito às maneiras como agimos uns sobre os outros através da linguagem, dando e recebendo informações, levando as pessoas a fazerem coisas e oferecendo que nós mesmos as façamos, bem como a maneira como nós expressamos nossos julgamentos e atitudes – possibilidade, necessidade e desejo.

O último relaciona-se com as maneiras com as quais uma extensão de língua é organizada em relação ao seu contexto. O significado textual é importante na criação da coerência dos textos falado e escrito.

Uma vez que sabemos que a língua possui, entre outras, a função de transmitir significados, entendemos também que a leitura literal de alguns enunciados pode não transmitir o que se pretendeu dizer. Estes enunciados se tornam um grande obstáculo para o aprendiz de segunda língua, uma vez que não há uma significação imediata identificável. Neste grupo podemos incluir as expressões formulaicas, uma vez que as mesmas apresentam um significado obtido não apenas através da soma dos itens lexicais que compõem o sintagma.

É necessário então que, além de analisarmos a função presente na expressão formulaica, levemos em consideração também a questão do uso da mesma.

### 2.2.2

#### Conceitos da Pragmática

Levinson (1983:32) afirma que o uso moderno do termo *pragmática* é atribuído ao filósofo Charles Morris que se ocupava com da ciência dos sinais,

---

<sup>1</sup> Tradução nossa.

ou a semiótica. Dentro da semiótica, Morris distingue a existência de três teorias de pesquisa: a sintática – a relação formal entre os sinais –, a semântica – a relação entre os sinais e os objetos aos quais são aplicados –, e a pragmática – a relação entre os sinais e os intérpretes. A partir de então, várias correntes se desenvolveram e diferentes propostas para a definição do escopo da pragmática foram postuladas.

Para o autor, o termo *pragmática* inclui tanto aspectos de estrutura lingüística dependentes do contexto como princípios de uso de língua e entendimento que muitas vezes não têm nada, ou têm muito pouco a ver com a estrutura lingüística. Assim, os pragmaticistas estão especificamente interessados na interrelação da estrutura da língua e os princípios de uso da língua.

Associamos à proposta de Levinson a concepção de Koch (2001:9) que estabelece a língua como atividade, como forma de ação, ação interindividual orientada para um fim. A língua

(...); como *lugar de interação* que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes reações e/ou comportamentos, levando ao estabelecimento de vínculos e compromissos anteriormente inexistentes. Trata-se como diz W. Geraldi (apud. Koch, 1991), de um jogo que se joga na sociedade, na interlocução, e é no interior de seu funcionamento que se pode procurar estabelecer as regras de tal jogo.

Sabendo que a lingüística do discurso

(...) se ocupa das manifestações lingüísticas produzidas por indivíduos concretos em situações concretas, sob determinadas condições de produção. Estas manifestações podem, sem dúvida, consistir de uma só palavra, de uma seqüência de duas ou mais palavras ou de uma frase mais ou menos longa: mas, na maioria dos casos, trata-se de seqüências lingüísticas maiores que a frase. (...) O que visa, então, é descrever e explicar a (inter)ação humana por meio da linguagem, a capacidade que tem o ser humano de interagir socialmente por meio de uma língua, das mais diversas formas e com os mais diversos propósitos e resultados.

Dentro deste escopo pragmático, começamos a perceber algumas possibilidades de estudo das expressões formulaicas.

Como poderemos perceber a seguir, as expressões formulaicas são elementos lingüísticos que possuem um grande valor nas interações sociais. Para muitos autores, as expressões formulaicas fazem parte de um grupo de elementos da língua que são chamados de formas convencionalizadas.

Cowie (1981: 62) considera que precisa haver uma distinção das formas convencionalizadas em dois tipos.

Um dos grupos é formado por expressões como *Pode tirar o cavalinho da chuva!* em que cada palavra, ao invés de perder o seu significado, ganhou um novo. Estes termos são chamados de compostos (*composites*) por Cowie: são blocos comparáveis em suas funções sintáticas a substantivos, adjetivos, advérbios e verbos; são expressões idiomáticas que se correlacionam diretamente com partes individuais do discurso. A maioria dos *compostos* são realmente idiomáticos no sentido em que o significado envolvido não é mais identificável através dos significados originais das partes.

O outro grupo é representado pelas expressões formulaicas, tais como as sociais do tipo *Bom dia!*, para as quais há uma função discursiva, ou seja, seus significados relacionam-se à maneira como os falantes interagem no discurso (saudações, perguntas, convites etc.) Assim, podemos dizer que as expressões formulaicas são pragmaticamente especializadas, pois precisam observar fatores que influenciam diretamente o seu uso.

Segundo Tannen & Öztek (1981:37), expressões formulaicas são combinações de palavras que são associáveis nas mentes de todos e são freqüentemente repetidas em uma seqüência. Assim, há relação entre o falante e o que ele fala. *Expressões formulaicas situacionais* formam parte de uma interação social e enfocam a relação entre os interlocutores. Dentre estas, há todo um grupo que apresenta uma natureza ritualística clara quando acontecem em pares, pois o uso de um termo por um falante necessita da resposta do outro termo pelo outro membro da situação de comunicação. Como exemplo temos – *Tudo bom? – Tudo bem.*

Tagnin (1989:57) menciona as fórmulas situacionais, que são expressões usadas em determinadas ocasiões, ou seja, situações que exigem um determinado ritual. Se entendermos ritual como rotina (seqüência de atos ou procedimentos consagrados pelo uso), podemos denominar tais expressões como *fórmulas de rotina*. Tagnin ainda reforça a utilidade de tais expressões ao declarar que, na conversação diária, grande parte da nossa fala segue caminhos já trilhados. Em geral, as conversas são destituídas de um caráter mais profundo, desenvolvendo-se de acordo com padrões de pensamento e de expressão verbal pré-concebidos. Esses padrões fazem com que nossa comunicação flua com mais facilidade e eficiência, evitando a necessidade de sermos criativos a todo o instante, o que tornaria a conversação uma prática difícilíssima. Esta proposta serve para ambos os interlocutores, uma vez que o ouvinte não seria capaz de estar constantemente decodificando seu interlocutor. Sabemos que, no cotidiano, muitas vezes antes de ouvirmos o final do que está

sendo dito, já podemos antevê-lo; por vezes, chegamos a responder antes de a pergunta se concretizar.

Percebemos que Tagnin estabelece claramente a conveniência lingüística de termos um conjunto de expressões às quais podemos recorrer sempre que necessário.

### 2.2.3

#### Outras abordagens

Outras abordagens teóricas trazem ainda outras contribuições valiosas para o nosso trabalho.

Com relação às obras de referência, a proposta de Jack Richards, John Platt e Heidi Platt (1992) merece referência. No seu *Dicionário de ensino de língua e lingüística aplicada*, propõem que o termo *expressão formulaica* pode ser considerado como uma outra forma de designar *rotina*. Esta, por sua vez, é um segmento de linguagem composto de vários morfemas ou palavras que são compreendidas em conjunto como se fossem um item único. Por exemplo, *Como vai (você)?*; *A quem interessar possa*; e *Você está brincando!?*. Os pesquisadores usam diferentes nomes para estas rotinas: uma rotina ou fórmula usada em uma conversações pode ser chamada de “rotina conversacional” (ex.: Por hoje é só.; Que terrível!; O negócio é o seguinte...) e aquela usada para demonstrar polidez, é chamada de “fórmula de polidez” (ex.: Muito obrigado!)

Também Johnson & Johnson (1998), em seu *Dicionário enciclopédico de lingüística aplicada*, falam sobre *discurso formulaico*, onde as fórmulas são extensões do discurso adquiridas como um todo que não é analisado pelos aprendizes de L2, mas que, para os falantes nativos, consistem de partes constituintes menores que podem ser de dois tipos: “padrões” (fórmulas parcialmente produtivas) e “rotinas” (fórmulas livres).

Outras obras, como a de Krashen e Scarcella (1995:57), desenvolvem o conceito de expressões formulaicas como um princípio de conveniência lingüística, afirmando que as rotinas e os padrões são essencial e fundamentalmente diferentes da linguagem criativa e têm uma participação menor na aquisição da língua. Já alguns autores como Dechert e Huebner (ibdem:59), entre outros, propõem que estas estruturas pré-fabricadas são uma parte integrante do corpo principal da linguagem e têm, portanto, um papel primordial para que se possa atingir competência na língua em estudo.

Como pudemos perceber, as várias definições possuem pontos de contato, mas não atendem plenamente às necessidades do aprendiz de L2, diferindo de autor para autor.

## 2.3

### Abordagem adotada neste trabalho

Para nossa análise, utilizamos então o conceito de Tagnin (1989) e Tannen & Öztek (1981), assumindo que as expressões formulaicas são fórmulas que possuem seu significado dentro de um contexto situacional. Entendemos que tais expressões, embora apresentem certos elementos fixos, apresentam também uma mobilidade na forma.

Ao elemento fixo denominamos base. Entendemos por base a parte da estrutura formulaica que se mantém fixa e à qual se agregam outros elementos. Por exemplo, quando temos uma expressão que possui o vocábulo **que** (*Que bom! Que maravilha!*, etc.), podemos perceber que a base é esse mesmo vocábulo **que**. Na análise de dados (cf. cap. 3), essa base aparecerá sempre em itálico e em negrito, para que seja facilmente identificada. O(s) elemento(s) que se encontra(m) entre colchetes constitui(m) a(s) parte(s) flexível(is) da expressão. A parte que aparece subscrita demonstra que há uma restrição para a parte flexível, no caso do exemplo dado, não pode ser qualquer adjetivo, mas um que indique uma apreciação positiva.

Nosso conceito se enquadra na proposta de Wray (2002:11), que define o termo *seqüência formulaica* levando em consideração que uma expressão formulaica é também uma seqüência formulaica. Sua proposta de seqüência formulaica é:

“uma seqüência, contínua ou descontínua, de palavras ou outros elementos, que é, ou parece ser, pré-fabricada: i.e., armazenada e acessada por inteiro da memória na hora do uso, ao invés de ser sujeita a geração ou análise pela gramática da língua.”

Até aqui temos percebido a grande variedade de definições para diferentes fenômenos do campo da formulaceidade<sup>2</sup>. Wray (Ibid., p.44) reconhece a grande dificuldade de encontrar uma única definição capaz de capturar todos os traços relevantes para a identificação.

Por conta disso, Wray faz algumas considerações sobre a classificação da formulaceidade.

---

<sup>2</sup> Conceito cunhado por nós. Que diz respeito à fórmula.

### 2.3.1

#### **Considerações sobre algumas propostas de classificação**

Wray afirma que muitos autores, como Bolinger (1976), Coulmas (1979, 1994), Cowie (1988, 1994), Krashen and Scarcella (1978), Nattinger and DeCarrico (1992), entre outros, já propuseram muitas classificações para o fenômeno.

As estruturas formulaicas são capazes de conter espaços que aceitam uma classe aberta de itens, criando uma nova mensagem com pequena criatividade, trazendo economia e eficácia ao uso da língua, embora seja necessário lembrar que há uma infundável capacidade lingüística de forjar novas seqüências formulaicas de todos os tipos, fato este que dificulta este tipo de classificação.

A classificação baseada na prática, por outro lado, não precisa de um arcabouço teórico tão profundo, embora tenha de funcionar em seu propósito inicial. Em dicionário ou ensino de língua, vemos a necessidade de tal abordagem. O problema aqui se apresenta na necessidade de decidir o que incluir e o que omitir. Vejamos o que levar em consideração.

### 2.3.2

#### **O que incluir**

Lembrando que a maior importância da classificação é facilitar uma subcategorização que possa ser aplicada a exemplos reais, vale ressaltar que Hudson (1998) propõe em sua obra que algumas expressões não se encaixam nas categorias propostas até então, ou seja, algumas expressões ainda permanecem não-classificadas. Um exemplo de taxonomia deste tipo é a proposta por Fillmore (1979), que mostra interesse em expressões que são aprendidas através de associações a contextos nos quais estas expressões são apropriadas.

### 2.3.3

#### **Estrutura interna**

Uma das tentativas de organização da linguagem formulaica em geral é apresentada por Wray (2002:47). O autor explica que a taxonomia se mostra interessante por apresentar uma categorização nítida, explícita. Entretanto, para ser tanto útil quanto plausível, a classificação precisa ser consistente, estabelecendo uma dependência entre as classes que se propõem, correndo o risco de ser considerada apenas como uma lista bem elaborada.

Nattinger e DeCarrico (1992) endossam esta dificuldade ao mencionarem os compostos que apresentam uma relação forma-função, afirmando que são um tipo particular de competência pragmática que utiliza seqüências geradas por componentes sintáticos com um significado funcional, seqüências estas que atribuem não só uma forma sintática, mas também uma função pragmática como prometer, cumprimentar, afirmar, etc. aos compostos.

Wray (op. cit:48) complementa seu texto, afirmando que as associações que se perpassam, como forma e função, assim como significado e proveniência, ou qualquer outro grupo de subfatores, são mais prováveis de exatidão do que aquelas que usam um parâmetro único.

Passaremos então a identificar os aspectos da forma que se mostram úteis a nossa proposta.

#### **2.3.4**

##### **Aspectos da forma**

O classificar de acordo com a forma pode ser considerado uma tarefa relativamente fácil, mas, na realidade, leva apenas a um padrão descritivo, mais do que explanatório.

Nattinger e DeCarrico (op. cit.) propõem uma classificação de tal ordem, que ao final encontram contra-exemplos e uma tendência a categorizar as seqüências formulaicas de uma maneira muito vaga. O que demonstra que deveria existir uma subcategorização e, em último plano, que a proposta parece ser insuficiente.

Essa proposta nos faz lembrar das limitações de uma classificação descritiva a que nos referimos acima. Assim, Wray (op. cit: 48) propõe um aprofundamento em duas áreas: irregularidade e variabilidade.

##### **a) Irregularidade**

É comum que as fórmulas contenham um comportamento anormal, mostrando irregularidade gramatical ou tendo um significado não-usual. Ao propor um novo significado, a composição interna da seqüência cria um fator protetor do significado por ela proposto, escapando das pressões naturais da mudança da língua, fato que, muitas vezes, leva a fossilização e a predominância de um significado metafórico, em relação ao significado original. Mas, apesar de tudo, a irregularidade não é fator suficiente para determinar uma seqüência formulaica.

##### **b) Variabilidade**

Wray (ibid., p.49) analisa a visão de Jaspersen, que considera cadeias de palavras como fórmulas se ninguém puder mudar nada nelas. Isto estende-se a outros âmbitos lingüísticos como não ser capaz de modificar a tonicidade ou de introduzir uma pausa entre as palavras. A conclusão é que este grupo admite somente as expressões idiomáticas e outros textos memorizados como orações, provérbios, rimas, citações, entre outros do tipo linguagem formulaica. A definição de fórmulas tem se tornado mais inclusiva desde a época de Jaspersen e os nossos interesses vão além da proposta deste autor.

Wray (Ibid., p.49) estabelece que a variabilidade é o ponto chave das definições apresentadas sobre fórmulas. Pode-se distinguir entre seqüências que são inteiramente invariáveis e aquelas que são mais flexíveis. As expressões formulaicas, nosso objeto de estudo, possuem uma parte fixa e uma variável, como veremos na análise dos dados.

## 2.4

### Diacronia X Sincronia

Inicialmente, gostaríamos de esclarecer que nosso trabalho propõe uma análise sincrônica dos dados, ou seja, uma análise das expressões atualmente utilizadas.

Outrossim, reconhecemos que algumas expressões vêm sofrendo um processo de especificação de uso, fazendo com que seja mais difícil se perceber seu caráter formulaico. É o caso das expressões de rotinas, que são mais utilizadas em situações rituais.

Ex.: *bom dia, boa tarde, boa noite, de nada, etc.*

Desta forma, chamamos a atenção para a existência de uma gradação de especificidade de uso pela qual as expressões formulaicas podem vir a passar. A este fenômeno chamamos aqui de *especificação*.

A especificação das expressões formulaicas é um processo diacrônico pelo qual vêm a passar aquelas expressões que se estabelecem na língua, fazendo com que as mesmas venham a ser utilizadas em um ambiente discursivo específico, com uma função comunicativa tão indiscutível que o usuário passa a não mais se dar conta de que seu significado inicial deu lugar a uma expressão formulaica.

Quanto mais rotineiras e ligadas a uma situação ritualística específica, menos provável de o falante reconhecer a expressão como formulaica. Assim temos:

<i>E aí?</i>				<i>Tudo bem?</i>
- ritualística				+ ritualística

Quando observamos a escala, podemos perceber que expressões do tipo *bom dia, tudo bem, obrigado, desculpa*, dentre outras, ocupam um papel ritual já cristalizado na sociedade. Tal papel se realiza mais visivelmente nas situações específicas. Mas isto não impede que estas expressões sejam utilizadas em outros contextos situacionais. Na realidade, a utilização em outros contextos acontece em tão menor intensidade que o falante não se dá conta.

Expressões do tipo *E aí?*, que é uma forma bastante atual, ainda não se encaixaram em um contexto mais limitado e sua flexibilidade é muito mais perceptível.

Assim percebemos que o fator diacronia interfere diretamente no uso das expressões, no momento em que quanto mais uma expressão é usada em um contexto ritual fechado, mais específica ela se torna. Quanto mais atual a expressão, mais flexibilidade e produtividade ela terá em contextos variados.

## 2.5

### Expressões formulaicas e gírias

Ao recolhermos o corpus para a nossa análise, percebemos que algumas das expressões apresentadas são também incluídas sob o rótulo de gíria. Desta forma, notamos a necessidade de estabelecer uma relação entre gíria e expressão formulaica.

Segundo Camara Jr. (1986:127) a gíria é fundamentada em um tipo de vocabulário parasita para a distinção de um determinado grupo social, correspondente, assim, ao jargão. Este grupo vocabular coexiste com as palavras comuns da língua. Câmara ainda coloca a posição de Krapp (Ibid., p. 127), que estabelece que a gíria só pode ser assim identificada por projetar-se em um meio que não é gíria. Além disso, Câmara coloca que a gíria abarca tanto o vocabulário propriamente dito, como a fraseologia. Com origens diversas, a gíria é encontrada em classes e profissões não só populares, mas também cultas, sem intenção de chiste e petulância que, em geral, caracteriza o grupo

popular. De qualquer forma, a gíria imprime uma característica estilística. É uma questão de estilo na linguagem coloquial popular.

Segundo Holanda (s.d. ), temos

**gíria** . [De or. obscura.] S. f. (...)3. E. Ling. Linguagem que, nascida num determinado grupo social, termina estendendo-se, por sua expressividade, à linguagem familiar de todas as camadas sociais. (...).

Como nos propomos neste trabalho a elaborar uma análise basicamente sincrônica, sentimos a necessidade de incluir as gírias que funcionam como expressões formulaicas. Uma vez que, como coloca Câmara Jr., a gíria é um recurso estilístico da linguagem popular, ela está presente nas necessidades lingüísticas do dia-a-dia, não nos parecendo menos importante. Câmara inclusive assinala a utilização por classes cultas ou não, o que traz um respaldo ainda maior para o seu uso. Além disso, como podemos ver em Holanda, a gíria nasce em um determinado grupo e tende a se estender à linguagem de todas as camadas sociais. Infelizmente, não podemos precisar quanto tempo as gírias que funcionam como expressões, presentes no nosso corpus, vão durar no uso da língua como tais, mas nos é claro que no presente momento, tais expressões têm seu valor em nossa pesquisa e serão consideradas, mesmo apresentando este outro caráter estilístico.

## 2.6

### **A gramática essencial de Hutchinson & Lloyd**

Nattinger e DeCarrico (op. cit.) já apresentam em sua obra uma proposta que associa forma e função em um contexto de uso. Por concordarmos com este aspecto proposto pelos autores, nossa proposta estabelece que precisamos unir aspectos funcionais aos aspectos pragmáticos. Para atingirmos esse objetivo, decidimos optar pela gramática de Hutchinson & Lloyd (1996) como base para a nossa proposta de classificação.

A gramática supracitada funciona como um guia prático de referência sobre o português moderno. A descrição de língua apresentada na obra combina gramática tradicional e funcional, através de seções curtas que abordam os aspectos gramaticais e funcionais da Língua Portuguesa. Além das questões gramaticais, os autores apresentam algumas diferenças de usos entre o português de Portugal e do Brasil.

A seção que mais nos chamou a atenção e baseou a nossa proposta de análise é a segunda parte, intitulada *Funções da Linguagem*<sup>3</sup>. Esta seção é subdividida em cinco itens: *socializando, trocando informação factual, fazendo algo, descobrindo e expressando atitudes intelectuais e julgamento e avaliação*. Também estas partes são subdivididas (Ibid., p.103).

Ao analisarmos os dados, verificamos ser necessário reunir os resultados em doze seções, a saber, *fazendo saudação, expressando agradecimento, expressando sentimento, chamando a atenção, discordando ou concordando, instigando, expressando espanto, procurando confirmação, expressando indiferença, pedindo calma, pedindo licença e pedindo algo*, que representam os tipos de expressões formulaicas encontrados em nosso *corpus*, como se verá no capítulo 3.

No capítulo 3, durante a análise, optamos por apresentar, antes da estrutura da expressão formulaica considerada, um exemplo contextualizado, explicitando a(s) linha(s) do *corpus* onde o mesmo se encontra. Após a estrutura básica da expressão, quando possível, listamos outros exemplos.

## 2.7

### Aspectos Metodológicos

O objetivo desta pesquisa é verificar a utilização das expressões formulaicas no português do Brasil e sua necessidade de identificação, interpretação e utilização por indivíduos estrangeiros. Pretendemos identificar, descrever e analisar as expressões formulaicas encontradas em nosso corpus, que se configuram como necessárias para que um estrangeiro possa se comunicar de maneira apropriada quando em uma interação com um falante nativo do português.

#### 2.7.1

##### Motivação

Nossa pesquisa originou-se, inicialmente, em uma necessidade de sala de aula. A história a seguir, ilustra quão importantes são as expressões formulaicas para um falante de língua estrangeira quando em uma situação de comunicação real em português.

---

<sup>3</sup> Tradução nossa, bem como as citações que se seguem.

Uma estrangeira está na praia se bronzeando, quando um brasileiro chega com sua camisa, bermuda e chinelos na mão, olha para a estrangeira e ele inicia o seguinte diálogo:

- Oi! Você poderia dar uma olhadinha pra mim?

A estrangeira apenas olha em direção ao brasileiro. Ele, por sua vez, repete a pergunta:

- Você poderia dar uma olhadinha pra mim?

A estrangeira continua olhando fixo para ele, que repete a pergunta pela terceira vez.

- Você poderia dar uma olhadinha pra mim?

A estrangeira responde, tentando parecer brasileira:

- Pô, cara! Tô olhando!

- Não, não. Queria que você olhasse minhas coisas, para eu ir à água um pouquinho.

- Ah! Sim! Desculpa, tá!

- Tudo bem. É que estou sozinho e não queria deixar minhas coisas aqui na areia sem ninguém.

Como podemos perceber, a estrangeira literalmente entendeu que o brasileiro queria que ela olhasse para ele. Foi o que ela fez. Ela não levou em conta o contexto situacional em que o pedido estava inserido. Como podemos ver em Tagnin (1989: 57), cada situação exige um determinado ritual. No Brasil, freqüentemente, quando vamos à praia sozinhos, pedimos a uma outra pessoa que não conhecemos o favor de tomar conta dos nossos pertences para irmos à água. Em geral a expressão é *Dá uma olhadinha pra mim?*, ou uma de suas variações como *Você podia dar uma olhadinha pra mim?*. O interlocutor brasileiro imediatamente se dispõe a cuidar dos pertences para que a pessoa que fez o pedido vá à água.

O que aconteceu com a estrangeira mostra que ela foi incapaz de perceber a expressão formulaica usada e o contexto no qual esta expressão se insere.

Ao deixar de entender a necessidade do brasileiro, somando-se à insistência do mesmo, esta respondeu com um tom um de descontentamento (Pô, cara! Tô olhando!). Se o entendimento fosse correto, o constrangimento teria sido evitado e, naturalmente, a estrangeira aceitaria o pedido do brasileiro e prestaria o favor.

O que acontece ilustra claramente que o pedido do brasileiro enquadra-se no conceito de *expressão formulaica* que nos propomos a estudar, pois o

mesmo pedido em outra situação poderia ter sido decodificado literalmente. Por exemplo, se a estrangeira estivesse na sala de aula, fazendo uma tarefa, e o professor solicitasse que ela olhasse para ele, a forma de pedir seria a mesma: *Dá uma olhadinha pra mim?*.

## **2.7.2**

### **Objetivos**

#### **2.7.2.1**

##### **Objetivo Geral**

Nosso objetivo, neste trabalho é identificar, analisar e classificar as expressões formulaicas utilizadas, basicamente, na Região Sudeste, a partir de dados coletados no primeiro DVD do programa da Rede Globo de televisão intitulado *Os normais*.

#### **2.7.2.2**

##### **Objetivos específicos**

O nosso trabalho, a partir do *corpus* recolhido, utilizando-se do arcabouço teórico apresentado (Cf. cap. 2.3, p. 30), propõe-se a:

- (i) recolher o maior número possível de expressões formulaicas que constem nos programas *Os normais* da Rede Globo de televisão, compilados no primeiro DVD;
- (ii) classificar as expressões encontradas a partir da proposta apresentada no capítulo supracitado;
- (iii) analisar as expressões a partir da forma e da função que apresentam em situações de interação;
- (iv) identificar as contribuições que a sistematização de tais expressões possam vir a representar para a descrição e o ensino de PL2 para estrangeiros.

### 2.7.3

#### Hipóteses

Para o desenvolvimento do nosso trabalho, utilizamos as seguintes hipóteses:

- (i) a expressão formulaica está presente na linguagem cotidiana utilizada pelos falantes do Português no Brasil;
- (ii) tais expressões apresentam-se como um recurso de economia lingüística para o falante do português;
- (iii) finalmente, o domínio da sistematização das expressões formulaicas poderia ser um recurso precioso para o ensino de PLE.

### 2.7.4

#### Origem e natureza dos dados

Desta situação, começamos a pensar em como reunir um material para análise. Decidimos então que a melhor solução seria recolher as expressões de um programa de televisão. Escolhemos, então, o programa da Rede Globo de Televisão chamado *Os Normais*. A escolha deste programa se deu por dois motivos.

Primeiro, os programas são baseados em situações do dia-a-dia, que giram em torno de um eixo temático. Isso nos levou a crer que surgiriam expressões idiomáticas diretamente ligadas às situações tratadas.

Segundo, os programas procuram ao máximo se aproximar da linguagem coloquial usada pela população em geral, constituindo uma fonte bastante próxima da realização real da língua.

O material transcrito corresponde a seis episódios da série, escritos por Alexandre Machado e Fernanda Young, e foram lançados em DVD pela SOMLIVRE/SIGMA, empresa de áudio-visual das Organizações Globo.

Os personagens principais são Rui (Luiz Fernando Guimarães) e Vani (Fernanda Torres). De acordo com as informações no site da emissora (<http://redeglobo3.globo.com/osnormais/>), temos:

O Rui

“É um cara normal, igual a você. Cheio de maluquices normais. Com milhões de pequenas manias e grandes implicâncias. Mas, como toda pessoa normal, acha que todo mundo é maluco, menos ele. Tem um

trabalho normal, onde ganha um salário normal. Gosta de sossego, mas vive se metendo em encrencas, justamente por causa da confusão que suas idéias fazem em sua cabeça. Como todo ser humano normal, Rui tem vários preconceitos e nojos infundados, além das pequenas paranóias nossas de cada dia. É um cara legal, mas vacila”.

A Vani

“É uma mulher normal: passa metade do tempo elocubrando sobre coisas que não levam a nada. Acha que o noivo, Rui, é careta, mas quer casar com ele de qualquer maneira. Como toda mulher normal na casa dos 30 anos, Vani vive numa constante crise, em que as dúvidas existenciais são muitas e as certezas, muito poucas. Tem um trabalho normal, como vendedora numa loja de roupas. E, apesar de ser meio maluquete, acha-se a pessoa mais normal do mundo.

Da transcrição dos episódios escolhidos, recolhemos as expressões formulaicas, para serem agrupadas, apresentando, assim, uma proposta de classificação. Optamos aqui por uma transcrição simples, em forma de diálogos, tentando apenas registrar as falas, sem uma maior preocupação com elementos da análise da conversação expressas no texto transcrito, como sobreposição de falas, pausas específicas, hesitações, etc., uma vez que não é esse o objetivo do nosso trabalho. A transcrição funciona apenas como uma base de dados de onde retiramos as expressões formulaicas.

### 2.7.5

#### Resumo dos episódios

Para promover uma melhor compreensão do *corpus*, retiramos os resumos dos episódios transcritos para nossa análise do site da Rede Globo e colocamos abaixo de cada episódio o link exato de onde foi retirado o resumo, observando a ordem que aparece no site.

#### Todos são normais

Rui (Luiz Fernando Guimarães) e Vani (Fernanda Torres) saem para jantar. No restaurante, um ambiente "normal" com roupas penduradas no varal, Vani conhece Bete (Drica Moraes), uma figura "normal" que veste um top de couro de cobra com quem trava uma animada conversa no banheiro feminino. Enquanto isso, Rui se espanta com Tato (Murilo Benício), namorado de Bete que não suporta ficar sozinho nem por um segundo.

As atitudes do novo casal de amigos causam estranhamento a Rui e Vani, que acreditam se tratar de pessoas drogadas. Por sua vez, Bete e Tato acham que o outro casal está interessado em praticar swing. Apesar das suspeitas de ambas as partes, os quatro decidem dançar em um

baile funk da Zona Norte. Ao pedirem informações a um bando de funkeiros, são assaltados e perdem as roupas. Fingindo tratar-se de um grupo sueco praticante de naturismo, conseguem ingressar em um motel, de onde Vani liga para sua mãe pedindo que entregue quatro casacos longos que supostamente reporiem uma "doação" feita pelo casal.

<http://osnormais.globo.com/episodio.jsp?idEpisode=1>

### **Normas do Clube**

Driblar crianças estridentes e bagunceiras, tentar comprar uma cerveja no bar, buscar um lugar para tomar sol à beira da piscina, esbarrar em gordos de sunguinha e em mulheres loucas para arranjar uma aventura - tudo isso já bastaria para acabar com o domingo de Rui e Vani no clube.

Para piorar, dois típicos freqüentadores de clube atravessam o caminho da dupla. Marta (Eliane Gardini), uma quarentona em busca de um relacionamento, e Saulo (Otávio Müller), um tarado que passa todo o tempo assediando Vani. As manias de cada provocam as mais divertidas situações.

Em determinado momento, por exemplo, Saulo joga uma barata de plástico perto de Vani. Afobada, ela se joga na piscina e ele, gritando que há uma mulher se afogando, pula na água e a salva, aproveitando para tirar proveito da situação. Em outra oportunidade, faz-se passar pela massagista do clube para tocar em Vani. Já Rui se vê às voltas com Marta, que acaba sendo convencida a tirar cravos de suas costas.

<http://osnormais.globo.com/episodio.jsp?idEpisode=2>

### **Um Dia Normal**

Depois de uma briga, Vani e Rui decidem terminar o noivado. A partir daí, cada um vai viver sua vida de solteiro, num dia de situações surreais: no trabalho, Rui logo se envolve com sua nova diretora, Vivian (Débora Bloch), usando, para se aproximar, a inusitada desculpa de uma casca de feijão no dente.

Já Vani pede ajuda a Susy (Beth Goffman) para tentar reconquistar o noivo e apela para as forças ocultas da macumba.

<http://osnormais.globo.com/episodio.jsp?idEpisode=13>

### **Implicância é normal**

Vani e Rui fazem 5 anos de noivado. Como já faz há alguns anos, Rui esquece a data, mas, desta vez, ele lembra antes que Vani dê um ataque. Para comemorar a data, os dois vão a um restaurante português. Lá estão também Kátia e Edu (Edson Celulari e Heloísa Perissé), que não comemoravam nada. Vani tem um acesso de riso ao assistir a um show de fado. Atitude contrária a de Kátia, que está com o marido Edu em mesa próxima e tem um ataque de choro após ouvir o pedido de divórcio. Para evitar o vexame, as duas correm para o banheiro. No salão, Rui e Edu se conhecem. Os dois encontros criam uma série de

confusões, em que os pares se perdem e o personagem de Édson Celulari começa a dar em cima de Vani.

<http://osnormais.globo.com/episodio.jsp?idEpisode=26>

### **Fazer as Pazes é Normal**

Os pais de Rui, Silvana e Ney são tão implicantes um com o outro quanto o filho e a noiva, Vani.

Rui e seu pai estão brigados. Incomodada com a situação familiar, a matriarca insiste que o marido ligue para o filho e marque um jantar de reconciliação. Ney liga para o filho no momento errado. Depois de brigarem por causa de um show de rock que Vani cismou de ir, eles estão fazendo as pazes, e prestes a transar. Mesmo assim, ele escuta o que pai tem a dizer. No dia do jantar, o mal-estar começa na porta do apartamento, Silvana odeia a noiva do filho, e os pais dele não esperavam que ela também fosse. Para reverter à situação e mostrar que gosta da moça, Silvana lhe dá um vestido, deixando Vani toda boba. Mas há algo de estranho no ar. Além de Maria Pia, ex-namorada de Rui, chegar para o jantar, Silvana trata Vani como empregada. Quando estava para atender a mais um dos pedidos da sogra, Vani dá de cara com um espelho e percebe que seu "lindo" vestido novo não passa de uma roupa de empregada. E que na verdade, a intenção da mãe de Rui era humilhar Vani na frente de todos. Depois, tudo fica bem. Afinal, **FAZER AS PAZES É NORMAL.**

<http://osnormais.globo.com/episodio.jsp?idEpisode=39>

### **Complicar é Normal**

Tudo começa com um despertador eletrônico que Vani acha complicadíssimo. Ela simplesmente não consegue acertar a hora para acordar cedo e buscar uma amiga no aeroporto. Rui fica uma fera, pois além de ter que acordar cedo, não conhece a tal amiga, Luana.

No aeroporto, a surpresa: Rui e Luana se dão superbem e descobrem que têm várias coisas em comum. Mal chegam ao apartamento de Rui e vão logo à praia, deixando Vani para trás. Enciumada, Vani dá o troco: chama Waldo, um amigo de Rui, para um chopinho. Enquanto Rui e Luana se divertem na praia, Waldo se lamenta com Vani, por causa de uma namorada que viajou para o exterior e não deu mais notícias. Todos acabam se encontrando no apartamento de Rui e... Mais uma surpresa: Rui e Vani descobrem que Waldo e Luana são ex-namorados!

**Depois disso, você ainda se acha complicado?**

<http://osnormais.globo.com/episodio.jsp?idEpisode=42>